

Editorial

A sexta edição da *Revista Ipseitas* é dedicada à relação entre filosofia e literatura. Seu núcleo consiste na coletânea de artigos apresentados no *Colóquio Fernando Pessoa (+ ou -) Filosofia*, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, em 2013. A relação entre filosofia e literatura na obra de Fernando Pessoa, tema do evento, inspirou esta sexta edição da revista e abriu o espaço para contribuições que tratam, às vezes de modo mais indireto, mas não menos pertinente, dessa relação em outros campos e autores.

Os entrevistados desta edição da *Revista Ipseitas* são Jorge Uribe e Jerónimo Pizarro, pesquisadores de destaque da obra de Fernando Pessoa, cujo trabalho conjunto de edição e publicação de textos inéditos do espólio tem contribuído de maneira decisiva para a compreensão da real amplitude da obra em prosa e poética e para uma interpretação mais precisa das diferentes perspectivas que a animam.

No primeiro artigo, Diogo Ferrer analisa diferentes níveis de elaboração filosófica presente no poema dramático *Primeiro Fausto*, destacando a recorrência do procedimento dialético da negação em passagens cruciais do drama. Em seguida, Gisele Candido detém-se na análise do ensinamento poético atribuído a Alberto Caeiro e sua proposta de insubordinação dos sentidos às prerrogativas do conhecimento intelectual.

Munidos de evidências cuidadosamente colhidas em documentos ainda pouco explorados do espólio, Cláudia Souza e Nuno Ribeiro debatem sobre a dimensão e o alcance da obra filosófica do poeta. Cláudia pondera sobre o impacto da tradição poético-filosófica alemã, em particular, do romantismo alemão, em sua obra, enquanto Nuno Ribeiro mostra como a ambição filosófica de Pessoa ia muito além dos ecos de leituras presentes nos poemas ou nas obras de ficção, abrangendo reflexões mais ou menos sistemáticas, escritas sob a forma de diálogos, ensaios e fragmentos, muitas vezes com a intenção de publicá-las como produção filosófica autônoma à criação heteronímica.

Em artigo dedicado aos *Apontamentos para uma estética não-aristotélica*, de Álvaro de Campos, Fabrício Lúcio mostra como, para além de um simples desejo de ruptura com a tradição, o heterônimo engenheiro vislumbra um estado criativo no qual o corpo e a arte possam convergir, em estreita relação com o princípio de força, assumindo-o como alternativa ao método de medidas e proporções da tradição aristotélica.

Rubens José da Rocha examina, no artigo “Fernando Pessoa e sua Filosofia da Composição”, alguns aspectos da despersonalização do eu lírico no poema dramático *O Marinheiro* e nos heterônimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. No artigo “A

Liberdade do Olhar”, Márcio Suzuki traça um paralelo histórico entre Winckelmann e Pessoa. Apesar da disposição única de pensamento de ambos os autores, Márcio chama a atenção para a maneira como eles aspiram à realização de uma nova sensibilidade grega, elaborando, cada qual a seu modo, uma teoria da arte centrada no olhar.

Marco Aurélio Werle analisa o procedimento dialético de Peter Szondi que, assim como Hegel, conceitua o épico como superior ao dramático em sua teoria do drama moderno. No artigo “A Musa laboriosa e a vitoriosa ode: a segunda *Ístmica* de Píndaro”, Adriano Machado Ribeiro propõe uma tradução, inédita em português, da segunda *Ístmica* de Píndaro, como ponto de partida para a discussão sobre as características gerais da poesia arcaica grega e o caso específico da segunda *Ístmica* em relação aos poemas epinícios.

O artigo seguinte, “O lugar do Fantasma na Filosofia – Agamben leitor de Freud”, de Camila Salles Gonçalves, examina a apropriação filosófica que o filósofo italiano faz das concepções freudianas de fantasma e melancolia. O artigo destaca que, a partir dessa análise, é possível compreender melhor como a visão de Agamben, da *filosofia crítica* e da *filosofia poética*, realiza uma apropriação do pensamento psicanalítico contemporâneo.

A seção de artigos se encerra com uma única contribuição que não toca a relação entre filosofia e literatura. No artigo “Politics without a subject: David Hume on general rules”, Giulia Valpione analisa como a interpretação de Hume do processo de constituição da subjetividade possui ganhos importantes para pensar filosoficamente a política.

Na seção de resenhas, Luís Fernandes dos Santos Nascimento desvenda o caráter dramático do procedimento teórico e criativo de Fernando Pessoa, com análise da coletânea de textos em prosa, *Teoria da Heteronímia*, organizado por Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Ainda na seção de resenhas, Franceila de Souza Rodrigues aborda o tema da melancolia, com análise de três estudos de Starobinski sobre Baudelaire, livro traduzido por Samuel Titan Jr.

A revista conta ainda com traduções inéditas de poemas de Rilke, Verlaine e Ezra Pound e uma tradução das epístolas de Plínio e Trajano, contando todas elas com uma apresentação dos textos traduzidos. Mario Caimi, estudioso e tradutor de Kant e Espinosa, traduz agora para o espanhol (como “ejercicios de traducción”) poemas de Rainer Maria Rilke e enriquece a leitura com comentários. Mario Caimi observa que a ideia de agregar comentários aos poemas se deve ao próprio Rilke, que pediu que seu editor intercalasse páginas em branco em um exemplar das *Elegias de Duíno* e dos *Sonetos a Orfeu* para que pudesse anotar suas próprias explicações sobre os textos mais difíceis. Renata Cordeiro traduz o famoso poema de Verlaine, “Canção de outono”, publicado no livro *Poemas Saturninos*, em 1867, com atenção especial dedicada à estrutura rítmica do original

francês e às diversas possibilidades de traduzir o poema em português de acordo com a mesma estrutura do original em francês. Paulo Licht traduz “Revolta”, poema pouco conhecido de Ezra Pound, publicado em seu livro *Personae*, de 1909. A apresentação procura situar o “Revolta” em meio aos poemas iniciais de Pound e dar alguma pista do que seria sua técnica de “personalização”. Para finalizar, João Angelo Oliva Neto traduz as “Epístolas Cristãs” de Plínio, o Jovem, e Trajano, epístolas que figuram como o mais antigo testemunho do conflito entre o Império Romano e os primórdios da era cristã. A apresentação, defendendo a autenticidade das cartas em face de querela iniciada no século XVII, destaca o caráter exemplar dos testemunhos que o documento encerra.

Este número da *Ipseitas*, com textos de tal amplitude, concentração e diversidade, convida o leitor a escolher o que mais lhe interessar ou então a ler cada um deles. Nos dois casos, cabe talvez a pergunta se o simples conectivo “e”, em “Filosofia e Literatura”, antes separa do que adiciona dois termos tão próximos.

Rubens José da Rocha e Paulo Licht dos Santos